

## 4

**O Reino é dom, mas também, tarefa.**

“Jesus não nos deixou a obrigação de ‘converter’, de transmitir a fé; esta é uma missão que ele se reserva; O único testemunho que Ele exige da nossa vida é que nós nos amemos entre nós. Sem este amor os homens não nos reconhecerão como seus mensageiros. O apostolado que Jesus nos deixou é o de anunciar a fé, repetir e proclamar aquilo que acreditamos, que Ele nos ensinou.. Não somos responsáveis pela incredulidade do nosso próximo, mas somos responsáveis por sua ignorância” <sup>380</sup>

**Introdução**

Neste capítulo conclusivo de nossa pesquisa, retomamos a questão levantada desde o início de nossos trabalhos, a saber: se o ‘novo crente’ pode vivenciar uma autêntica conversão cristã, ainda que não assuma compromisso comunitário. Não temos a pretensão de haver realizado uma reflexão conclusiva a esse respeito, pois estamos cientes do caráter recente e ainda impreciso dessa discussão no meio cristão católico. Vale notar, no entanto, que ao longo de nossa pesquisa, foi ficando mais clara a necessidade de uma disposição e, também, de certa prontidão, por parte das igrejas institucionais e dos cristãos em geral, para uma reflexão atenta, rigorosa e, sobretudo, fraterna acerca desse tema. Esse capítulo conclusivo tem como objetivo responder, ainda que de maneira provisória, à questão motivadora da pesquisa e o faremos em três momentos.

---

<sup>380</sup> PISANI A.M., coluna “Enfoque”, revista Mundo e Missão, nov.2004, p.37. A autora faz uma síntese da vida de Madeleine Delbrel. Citado por CARIAS C.P, Fé cristã: resposta humana à iniciativa amorosa de Deus . In: O Humano Integrado, Petrópolis, Vozes, 2007.p.91.

No primeiro momento, iremos responder, com base na teologia cristã católica apoiada pelo Magistério, se a vivência religiosa peregrina do ‘novo crente’ pode ser considerada uma conversão cristã, que sempre se dá em processo, como a consideram os católicos, pois os protestantes têm outro entendimento do tema. Num segundo momento apresentaremos uma reflexão acerca da necessidade da Igreja, enquanto mediadora da salvação oferecida em Jesus Cristo, realizar uma conversão contínua no exercício missionário de divulgar fielmente o Evangelho.

Finalmente, apresentaremos como a mobilidade religiosa atual, aqui representada pelo ‘novo crente’, interpela e desafia a teologia e a pastoral cristãs.

#### **4.1 - Considerações sobre a possibilidade ou não, do “novo crente” realizar o processo de conversão**

No contexto pós-moderno em que vivemos, pudemos constatar que o religioso não escapou às conseqüências da dessacralização e do reducionismo imposto pelo pensamento racionalista a que todas as dimensões da vida humana ficaram submetidas<sup>381</sup>. Por todos os condicionantes a que nos referimos no primeiro capítulo desse trabalho, o homem pós-moderno se movimenta de forma cambaleante e indecisa entre muitas ofertas religiosas que nada cobram de seus adeptos, mas prometem ajudar homens e mulheres a encontrar o sentido da vida e a explicação para esse desencanto instalado dentro de tantos lares, famílias e instituições. Torres Queiruga afirma que é necessário considerar os limites da modernidade e “constatar que o otimismo inicial era uma ilusão e, ainda, com Hegel, reconhecer que a negação da Transcendência com a intenção de afirmar o homem acabou por privá-lo de sua profundidade, afiando seu espírito em um pragmatismo superficial que ameaça reduzi-lo a puro objeto”<sup>382</sup> e, nessas circunstâncias, cria-se uma atmosfera espiritual que corta o acesso do homem a

<sup>381</sup> Queremos acrescentar um comentário muito importante de Andrés T. Queiruga acerca do ateísmo como o grande problema teológico da modernidade. Afirma o autor que além de ser um problema grave, é um fenômeno novo porque na Antiguidade, não havia ateísmo, e este não para de crescer. O ateísmo começa com o Iluminismo e, a partir daí, muitas pessoas começam, por princípio, a apoiar suas vidas na negação de Deus. Esse fenômeno, segundo Queiruga, marca boa parte da cultura ocidental. E a grande pergunta que a teologia se faz é a seguinte: Se Deus existe e está conosco para salvar-nos, o que acontece para que haja tantas pessoas que o negam? Essa reflexão exige um esforço de compreensão para *aprender e contribuir*, pois se estamos certos de que Deus é a salvação do ser humano temos de procurar a maneira de dar ao mundo nosso testemunho QUEIRUGA A.T., **Creio em Deus Pai, O Deus de Jesus como afirmação plena do humano**, São Paulo, Paulus, 2005, pp.11-12.

<sup>382</sup> QUEIRUGA A.T., **Creio em Deus Pai**, p. 40.

Deus .O novo crente que peregrina de igreja em igreja, de seita em seita, de grupo em grupo não é senão o resultado de uma face do progresso que não cumpriu seu lado da promessa. França Miranda<sup>383</sup> ilustra o que queremos afirmar quando diz que:

“Começamos pela atmosfera de desânimo e pessimismo deixada pelo desaparecimento do mito do progresso, que tanto embalou os sonhos de nossos antepassados e que, hoje, se vê desfeito pela tomada de consciência sobre os limites dos recursos naturais, sobre o mau uso da ciência e da técnica para finalidades destrutivas e, sobretudo, pela deteriorização do meio ambiente e da qualidade de vida nos países mais industrializados.”

O novo crente (e, talvez, poderíamos estender esse pensamento a todos os seres humanos) busca encontrar um mapa de valores pelo qual possa se orientar na vida sem o qual fica frágil, desorientado, sem convicções e disposto a retirar de tudo, mesmo da religião, prazer e satisfação próprios<sup>384</sup>. Se num passado recente, os cristãos eram uma maioria determinante na sociedade, “em que as pessoas nasciam e cresciam cercados dos símbolos, dos sinais e das afirmações da fé cristã, e mais do que isso, católica”<sup>385</sup>, hoje, sabem-se inseridos num mundo plural onde interagem e dialogam várias religiões Além disso, não poucos cristãos vêem-se subdivididos em inúmeras igrejas, e diante dessa realidade fragmentada pelo pluralismo de visões de um mesmo credo, os cristãos carecem de respaldo para sua fé. Se a igreja-instituição perdeu sua plausibilidade devido à exigência de autonomia por parte do ser humano pós-moderno, o universo simbólico cristão encontra-se fragmentado, relativizado e debilitado. O cristão, então, dispõe de diversas fontes de sentido religioso. A sociedade é plural bem como os quadros e valores pelos quais os cidadãos regem e orientam suas vidas.

Para instruir nosso trabalho recorreremos ao que nos ensina França Miranda a respeito do atual contexto sócio-cultural. Esse autor faz notar que ao contrário das sociedades tradicionais, culturalmente homogêneas e fundamentadas numa visão religiosa aceita por todos, a sociedade, hoje, apresenta-se fragmentada, com várias fontes de sentido em concorrência<sup>386</sup>. “Há o desaparecimento do supra-

<sup>383</sup> FRANÇA MIRANDA M., *Um Homem Perplexo, o cristão na sociedade*, São Paulo, Loyola, 1992, p. 13.

<sup>384</sup> FRANÇA MIRANDA op. cit. p. 14.

<sup>385</sup> BINGEMER M.C.L., *Encontro com o Deus de Jesus Cristo*, Módulo do Curso de Teologia à Distância, PUC-Rio, 2008, p.17.

<sup>386</sup> *Ibidem*.

sentido e no seu lugar há diferentes ofertas de sentido, cabendo ao indivíduo escolher algumas delas quando ele mesmo não produzir algum sentido”<sup>387</sup>.

Em meio a essa multiplicidade de ofertas, o novo crente busca por sentido e pretende que esse sentido lhe seja oferecido pela igreja cristã que ele escolheu freqüentar. Ele é o ser humano pós-moderno, cuja autonomia deverá favorecer-lhe nesse processo de busca. Vale considerar que o novo crente é um ser humano aberto à escuta da Palavra de Deus que, no entanto, lhe é dirigida e interpretada, não raramente, por pessoas despreparadas, sem uma formação teológica mínima que garanta a fidelidade à verdade expressa na Escritura. Diante dessa realidade difusa e confusa em que o povo cristão se vê inserido, percebemos que o cristão peregrino não faz parada definitiva em uma determinada igreja, o que não nos permite afirmar que não esteja de algum modo, adentrando no mundo da experiência com Deus.

Como vimos no capítulo 2 de nossa pesquisa, todo homem é pecador e todo homem é portador da Graça de Deus<sup>388</sup> que lhe permite apreender o convite salvífico de Deus, abrindo-se então, diante dele, um horizonte de resposta-aceitação. O novo crente peregrino está, portanto, entre os muitos seres humanos que podem ouvir o chamado para o Reino. A Constituição Dogmática ‘Lumen Gentium’, no seu segundo capítulo, nº 13, afirma que:

“Todos os homens são chamados a pertencer ao Povo de Deus. [...] Assim, pois, o único Povo de Deus estende-se a todos os povos da terra, recebendo de todos eles seus cidadãos para fazê-los cidadãos de um Reino com índole não terrestre, mas celeste. Pois todos os fiéis dispersos pela terra estão em comunhão com os demais no Espírito Santo.”

É pela Graça de Deus que o Espírito Santo habita em cada homem e em cada mulher. E é por essa *inhabitação* que podemos experimentar Deus e conhecer os seus desígnios. Jean Danielou nos ajuda a explicitar essa realidade ao dizer que “nas diversas etapas da história da salvação, a presença de Deus se manifesta através de obras análogas que deixam entrever, clarissimamente, a unidade de seu desígnio”<sup>389</sup>. Jean Danielou também nos recorda que a Palavra de Deus é o veículo imediato dessa revelação e que o lugar primeiro da presença dessa Palavra

<sup>387</sup> BERKENBROCK.V.J., Perspectivas e desafios para a evangelização na América latina: constatações a partir do outro lado. In: PIVA.E.D., **Evangelização legado e perspectivas na AL e no Caribe**, Petrópolis, Vozes, 2007, p.240.

<sup>388</sup> GARCIA RUBIO. A., op. cit. p. 641.

<sup>389</sup> DANIELOU J., **Dios e nosotros**, Madris, Taurus, 1957,p.79.

de Deus é o seu povo<sup>390</sup>. Portanto, através da Palavra e pela ação do Espírito Santo, o novo crente é capacitado a fazer experiência de Deus recebendo sua oferta de salvação.

Mas fazer experiência de Deus não é somente encontrar uma via de acesso ao que pode nos satisfazer, não é ter um insight, ter uma boa idéia, encontrar a solução que procurávamos, ou ainda, fazer viagens no fundo de nossa emoção, mas é experimentar o ‘totalmente novo’ como “união radicalíssima, prévia a tudo e mais profunda que tudo, entre Deus e nós que está a nos realizar e sustentar”<sup>391</sup>, e que não chega a partir de fora, senão que está sempre constituindo o ser de cada homem e cada mulher, sempre presente na vida dos seres humanos. Essa experiência, dom de Deus, poderá nos levar até a maturação de nossa pessoa em relação ao nosso próprio bem, em relação ao bem do próximo e em relação à glória de Deus<sup>392</sup>. Como se pode perceber, essa revelação supõe um processo de maturação da Palavra revelada e a disposição de ir construindo uma resposta de adesão a essa proposta feita por Deus.

Como expusemos no primeiro capítulo de nosso trabalho, o novo crente, peregrino, tem a característica do ser humano pós-moderno da escolha livre e por ser, também, cioso de sua liberdade e autonomia, é um ser humano desejoso de encontro com Deus isento de regras e mediações institucionais. Essa experiência do encontro com Deus se dá, porém sem o compromisso de pertença a uma comunidade de fé. O novo crente quer escolher sua comunidade, seu grupo, quando sente necessidade de ter uma. O prof. Joel Portela nos coloca o seguinte questionamento: “Como entender, em termos especificamente cristãos, a realidade da escolha, a centralidade do indivíduo, em oposição a critérios objetivos, sejam eles sociais, culturais ou religiosos; Até que ponto vai a possibilidade de escolha de um indivíduo? Será efetivamente salvífica essa centralidade”<sup>393</sup>?

O novo crente peregrina e “permanece” enquanto estiver sendo contemplada sua sede de satisfação e prazer (ainda que espiritual). Enquanto estiver sendo aplacada sua ânsia de sentir-se agraciado com as bênçãos de Deus, o

<sup>390</sup> Cf. Ibid., p. 81.

<sup>391</sup> QUEIRUGA A.T., **A revelação de Deus na experiência humana**, São Paulo, Paulus, 1995, p.155.

<sup>392</sup> Cf. MARTIN VELASCO J., citado por QUEIRUGA, A., op. cit. p. 177

<sup>393</sup> AMADO J.P., Mudar de religião faz bem? in: FERNANDES S.R.A (org). **Mudança de Religião no Brasil, desvendando sentidos e motivações**. Rio de Janeiro, Salesiana, Palavra e Prece, (Coleção CERIS), 2004, p. 147.

peregrino faz parte constitutiva de tal comunidade de fé. Mas uma resposta ao amor de Deus, amor acolhido e experimentado exige mais que um trânsito entre grupos e igrejas.

A comunidade primitiva deixou impresso, nas palavras da Escritura, que o acolhimento do Amor, ou conversão, exige mudança radical de vida, de atitudes, de comportamento e de sentimentos. É preciso olhar o mundo de um outro horizonte, o de Jesus Cristo, pois é sua práxis, essencialmente, que nos salva do pecado. A Sagrada Escritura reconhece, no entanto, a incapacidade do pecador de, por si mesmo, dar os primeiros passos para a conversão (Jo 4,44; Ef 2,1-10), embora permaneça livre e responsável por seu destino eterno (Mt 25,31-46)<sup>394</sup>.

No segundo capítulo de nossa pesquisa, apresentamos a situação de não-salvação do ser humano e o convite à salvação pela Graça de Deus mediante Jesus Cristo. No terceiro capítulo, buscamos inspiração e entendimento claro a respeito do conceito de conversão que o próprio Jesus transmitira à comunidade cristã apostólica. Seria interessante recuperar alguns pontos radicais dessas mensagens, a saber:

Por conversão, se entende um processo que se dá por iniciativa de Deus, que capacita o ser humano pecador a apreendê-Lo, e lhe permite mudança de situação, de vida. Mudanças internas e externas que envolvem o ser humano numa contínua revisão que implica um novo relacionamento com Deus (dimensão vertical) e refere-se a uma vivência fraterna com os outros seres humanos (dimensão horizontal) e supõe uma resposta livre e consciente de adesão ou negação dessa proposta. Fomos criados na liberdade, capacitados a responder e devemos fazê-lo levando em consideração as duas dimensões, vertical e horizontal. Podemos inferir, portanto, que a conversão exige um compromisso comunitário como resposta afirmativa ao acolhimento do amor de Deus. Diante dessa constatação, importa reafirmar a dificuldade em admitir que o novo crente possa realizar uma verdadeira conversão. O prof. Joel Portela propõe algumas questões para nossa reflexão<sup>395</sup>:

“Pode a conversão se constituir a partir de relacionamentos preponderantemente tangenciais, sem compromisso mais efetivo, com certa força para permanecer, ultrapassando alegrias e dificuldades? Não seria o caso de se afirmar não apenas a

<sup>394</sup> FRANÇA MIRANDA. M., *A salvação de Jesus Cristo*, p. 99.

<sup>395</sup> AMADO J.P., op. cit. p. 147.

liberdade individual, mas também a *indescartável presença da alteridade, a importância da comunidade*, do compromisso, da entrega mais radical?

Portanto, ficamos à vontade para apresentar o que entendemos como sendo um desafio para a Igreja, com a ajuda do prof. Joel Portela<sup>396</sup>, no que se refere à

“importância da dimensão comunitário-compromissal da fé, notadamente no que diz respeito à questão da pertença a uma comunidade concreta e o papel desta pertença no processo de salvação. Não se trata de um eclesiocentrismo consequentemente restrito da ação divina. Trata-se, ao contrário, de se refletir a partir desses novos questionamentos trazidos pela mobilidade, sobre a possibilidade de uma experiência de Deus sem vínculos comunitários e mesmo institucionais”.

Sabemos, no entanto, que não existem disposições naturais para entrar no Reino. A Graça e a disposição para acolhê-lo já são frutos da atuação da graça em nós, para a entrada no Reino. E nada na vida anterior de um ser humano, pode ser obstáculo definitivo a sua entrada para o Reino. Mas é lícito perguntar: quais são as transformações concretas que a graça produz em nós e que devemos desenvolver em fidelidade a essa graça? Montcheuil responde a essa questão apontando algumas exigências, se é que podemos chamar assim, que demonstram a impossibilidade de ‘uma resposta’ ausente de compromisso comunitário, a saber:

- É preciso ter firmeza e decisão irrevogáveis. “Quem mete a mão no arado e olha para trás não é apto para o Reino de Deus” (Lc 9,62). Entendemos tal firmeza e decisão como virtudes dificilmente encontradas no ‘novo crente’, porque se encontra imerso numa realidade imediatista onde o valor é colocado no que está sendo importante agora, neste exato momento. “Aquele que resistir até o fim, este será salvo” (Mt 10,22). Enquanto se coloca em dúvida a própria adesão ao Reino ainda não se está no Reino. Na medida em que se hesita no engajamento, se renuncia a qualquer progresso. A conversão é progresso na fé.

- A entrada no Reino supõe avaliação de nosso compromisso. “Quem de vós, com efeito, querendo construir uma torre, primeiro não se senta para calcular as despesas e ponderar se tem como terminar?” (Lc14,28). O que Montcheuil quer mostrar é que “não devemos ir ao ponto de calcular nossas probabilidades, mas por outro lado, não nos devemos assemelhar aos imprudentes que iniciam uma

---

<sup>396</sup> AMADO .J.P., op. cit. p. 148.

tarefa irrefletidamente e caminham sem saber o que fazem”<sup>397</sup>. O Reino é dom, mas é, também, tarefa a realizar.

- Outra exigência da entrada no Reino, ou seja, da conversão é o arrependimento. A conversão é totalmente incompatível com a satisfação do ser humano em si mesmo, a auto-suficiência, a certeza de sua justificação. Montcheuil nos alerta para uma realidade preocupante que está muito presente no mundo hoje. Afirma ele que a complacência consigo mesmo que resulta facilmente do cumprimento da lei (e poderíamos substituir a Lei pelo subjetivismo fechado característico do ser humano pós-moderno e o modo egoísta de se relacionar com o mundo à sua volta) e a atitude conformista que desenvolve a boa consciência suscitam um sentimento de segurança enganadora e nos torna surdos a certos apelos. França Miranda nos ajuda a entender o perigo da influência do individualismo moderno naquilo que os cristãos crêem. A adesão ao patrimônio da fé, e aí se encontra a realidade do pecado, é feita de forma parcial, limitada a algumas verdades. As verdades oferecidas pela Igreja, por exemplo, passam pelo crivo das experiências pessoais antes de serem aceitas como verdade e fica, assim, como diminuída sua credibilidade<sup>398</sup>. O novo crente, assim, não sente necessidade de arrependimento na sua religiosidade, pois o arrependimento é fruto da constatação da quebra de ‘um compromisso’ assumido com Deus. Não há compromisso e, portanto não há arrependimento. Logo, não pode haver conversão.

O Cardeal Carlo Maria Martini nos presenteia com uma profunda reflexão sobre o Salmo 51<sup>399</sup>. Um dos pontos que chamou muito nossa atenção foi o destaque que ele dá à expressão “Pequei contra ti, somente contra ti” (Sl 51,6). Martini diz que à primeira vista ela poderia nos parecer estranha, pois está referida a Davi, que forjou uma situação para provocar a morte do amigo, foi desleal, homicida e traidor. Davi colocou-se contra Deus e contra todos aqueles que Deus defende como sendo seus. Semelhante situação encontramos na parábola do filho pródigo que tem sua palavra central na expressão “Pai, pequei contra Deus e contra ti” (Lc15,21). O filho mais novo havia cometido o pecado do esbanjamento, da auto-suficiência, do abuso. Tanto Davi como o filho mais novo

<sup>397</sup> MONTCHEUIL.op. cit. p. 58.

<sup>398</sup> Cf. FRANÇA MIRANDA, **Um Homem perplexo**, p. 37-38.

<sup>399</sup>Vale a pena partilhar dessa reflexão em: MARTINI.C.M., **Reencontrando a si mesmo, Há um momento em que devemos parar e procurar**, São Paulo, Paulinas, 1998, p. 112-125.

da parábola tiveram seu pecado sintetizado numa única falta: na sua má relação com o Pai, com Deus. Deus é parte lesada; é vítima<sup>400</sup>, mas seu julgamento é de perdão. Ambos necessitaram reconhecer seu pecado, arrepender-se, pedir o perdão de Deus para poder iniciar seu caminho de volta, sua conversão. O reconhecimento da situação de pecado é a premissa da conversão!

Além de firmeza, decisão, avaliação do nosso compromisso e do arrependimento de nossas atitudes contrárias à vontade de Deus é preciso enfatizar a necessidade imprescindível da eclesialidade no processo de conversão, pois “não se vive a fé apenas individualmente, mas na comunidade; a fé do cristão cresce na medida em que ele *caminha com a comunidade* na busca do cumprimento da vontade de Deus. Isto exige uma atitude de constante conversão, e por isso ela é a primeira opção de toda a comunidade eclesial”<sup>401</sup>. Segundo Joel Portela, “para a revelação cristã, o ser humano é, ao mesmo tempo, individualidade e *comunitariedade*, identidade e solidariedade. Ele não é apenas humano. É co-humano”<sup>402</sup>.

José Lisboa M. de Oliveira escreveu um artigo sobre a primeira mensagem do papa Bento XVI para o Dia Mundial de orações pelas Vocações<sup>403</sup>, realçando seu ponto alto na afirmação da eclesialidade da vocação cristã. O autor comenta que essa característica fundamental da vocação cristã já está presente na palavra Igreja, *ekklesia* ou *ecclesia*, que na sua etimologia já contém a idéia de convocação<sup>404</sup>.

A Exortação Apostólica *Christifidelis Laici*, numa referência à dignidade dos fiéis leigos se serve da parábola da vinha em Jo 15 para afirmar que os fiéis leigos não são apenas os que trabalham na vinha, mas são parte dela. “Eu sou a videira e vós os ramos, diz Jesus” (Jo 15,5). O mesmo documento transcreve essa verdade expressando-a do seguinte modo “Assim, só no interior do mistério da

<sup>400</sup> Podemos encontrar fundamentação bíblica para essa afirmação em Mt ,25,45: “ Todas as vezes que o deixastes de fazer a um desses mais pequeninos, foi a mim que o deixaste de fazer.”

<sup>401</sup> Documento n ° 26 da CNBB, **Catequese Renovada**, orientações e conteúdo, n ° 250, São Paulo, Paulinas, 1983

<sup>402</sup> AMADO J.P., **Realmente livres?** .In: GARCIA RUBIO. A. (org),O Humano Integrado, Petrópolis, Vozes, 2007.p.39

<sup>403</sup> Disponível em [www.saosebastiaoportoalegre.org.br/artigos/art\\_060721.htm](http://www.saosebastiaoportoalegre.org.br/artigos/art_060721.htm). Acessado em 07/2008.

<sup>404</sup> “A Palavra EKKLESIA vem do grego e traduz a expressão hebraica qahal que significado de aviso .de convocação’ e ‘assembléia reunida’. Esse termo pode ser entendido no sentido ativo de convocação e no sentido passivo de congregação articulando, desse modo, o chamado de Deus e a resposta humana”. PIE-NINOT. S. 1998,27 citado por TEPEDINO A.M., **Eclesiologia**, Coleção Teologia à Distância, PUC - Rio, Ed experimental, 2005.p. 22.

Igreja como mistério de comunhão se revela a "identidade" dos fiéis leigos, a sua original dignidade. E só no interior dessa dignidade se podem definir a sua vocação e a sua missão na Igreja e no mundo <sup>405</sup>. O novo crente, portanto, precisa aderir a uma comunidade de fé para compreender-se como 'um crente em processo de conversão'.

Uma postura sincera diante dessa reflexão a respeito da conversão, ou não, do 'novo crente' nos faz pensar na necessidade de uma reflexão não menos crítica sobre a vida pastoral e comunitária da Igreja, que hoje, também requer revisão. É preciso pensar no caráter fundamentalmente missionário da Igreja e na sua responsabilidade de anunciadora da salvação oferecida por Deus, frente à mobilidade religiosa atual. E porque não assumir que é urgente pensar, hoje, uma nova configuração que dê conta de acolher o crente pós-moderno, desejoso de conversão à pessoa de Jesus Cristo? A Igreja, também ela, necessita de conversão.

## 4.2 - A Igreja em contínua conversão

A Igreja são os homens e mulheres que, por meio de suas opções concretas, vivem a atitude fundamental de Jesus Cristo. Mas, com nos ensina França Miranda, "a liberdade humana é limitada e nunca consegue traduzir plenamente na vida, sua intencionalidade original. A situação limita, de fato, o exercício da liberdade. E essa situação resultou das atuações de outras liberdades, boas ou más" <sup>406</sup>. França Miranda alerta-nos para o fato de no momento em que alguma tendência espontânea nos pressiona para obter sua satisfação particular, egocêntrica, ocupando o primeiro plano da consciência e do sentimento, experimentamos a tentação. Queiruga acrescenta que

"de nada disso se excluem as religiões, elas próprias podem passar por uma crise interna, e muitíssimas vezes, podem ficar expostas a terríveis confrontações externas. O que implica que, também elas não podem ficar sem mudança: têm que sujeitar-se a uma verdadeira 'conversão', revisando suas atitudes e repensando seu legado" <sup>407</sup>.

<sup>405</sup> Exortação Apostólica *Christifidelis Laicis* sobre a vocação e missão dos leigos na Igreja e no mundo, João Paulo II, São Paulo, Loyola, 1989.p. 17-18.

<sup>406</sup> FRANÇA MIRANDA ,M., *A Salvação de Jesus Cristo*, p. 225.

<sup>407</sup> QUEIRUGA A.T., *Um Deus para hoje*, pp. 6-7.

Até bem pouco tempo atrás, o catolicismo ocupava um lugar de destaque no mundo cristão que lhe atribuía uma posição cômoda, ou acomodada. Mas como o católico, hoje, se coloca frente à sociedade plural e esfacelada do ponto de vista religioso? Faremos nossas as palavras de França Miranda no que se refere à situação do católico no atual pluralismo religioso<sup>408</sup>. O autor atribui essa postura cômoda ao número consideravelmente grande de fiéis, como também ao apoio que lhe oferecia o Estado. Os cristãos católicos sentiam-se superiores aos de outras denominações cristãs, que muitas vezes eram consideradas apenas como superstição. Hoje, porém o católico se encontra imerso num mundo plural, em todas as dimensões, especialmente no campo religioso. As instituições seculares modernas dispensam a religião como fonte de sentido para sua estruturação o que fez diminuir bastante a força social do catolicismo. A liberdade religiosa proclamada pelo Vaticano II, o fim da repressão a outros credos, a chegada de denominações de cunho pentecostal e a difusão de movimentos orientais cooperaram para a construção de um novo horizonte cultural no qual o católico está inserido e é chamado a conviver.

O católico, acostumado a ser maioria, terá que enfrentar, daqui pra frente, uma concorrência com as demais denominações que, por sua vez, não perdem tempo em anunciar suas propostas a fim de encampar fregueses. Os católicos vêm-se, hoje, às voltas com o desmentido juízo a respeito das outras religiões e têm que lidar com a triste realidade que aponta sua grei como a que mais perde fiéis para outras denominações cristãs, ou mesmo para outras religiões. Insiste França Miranda na necessidade de apontar o perigo que todo esse pluralismo religioso isento de uma crítica adequada, representa para o cristão católico. Ele nos faz perceber que se aceitássemos o relativismo religioso que equipara todas as religiões e seus líderes, o cristianismo perderia seu caráter de universalidade que afirma a salvação mediante *Jesus Cristo* para *todos* os seres humanos. Ao lado desse risco do relativismo, o católico percebe também que os juízos do passado, as fórmulas dogmáticas e os discursos moralistas já não dão conta de responder às situações hodiernas. E o dilema fica instalado: como afirmar a importância única de Jesus para a salvação dos seres humanos sem desrespeitar ou menosprezar as outras religiões? Como dialogar com o novo crente, que compõe sua religiosidade

---

<sup>408</sup> FRANÇA MIRANDA.M., *Um Homem perplexo*, p. 55-59.

a partir de elementos de várias confissões cristãs e não cristãs? Como preservar a identidade católica em meio a um sincretismo que desorienta e confunde principalmente os que vivem um catolicismo de mero batismo, formados a partir de uma catequese ineficaz e sem engajamento pastoral?

Concordamos inteiramente com Queiruga quando afirma ser urgente recuperar o sentido originário de *kat'holon*, ou seja, como “a particularidade vivida como manifestação de uma universalidade que a engloba sem excluir outras particularidades”<sup>409</sup>. Ser católico deve, portanto, implicar uma postura generosa e aberta de viver o cristianismo ao lado de outros cristãos de outras denominações. Queiruga nos faz perceber que o catolicismo sofreu um movimento de universalização progressiva que, segundo ele, se deu em três etapas de abertura crescente, a saber: “de uma Igreja em defensiva no século XIX, passou-se a uma Igreja que, no Vaticano II, tenta a normalização, de sorte que, hoje, apesar das resistências, está se gestando uma Igreja que tenta viver em franca colaboração e serviço”<sup>410</sup>. O Reino de Deus como presença efetiva no mundo ganha lugar de primazia na reflexão teológica que o afirma como uma realidade do ‘já e ainda não’. E o convite a entrar no Reino é para todos os seres humanos. E para a Igreja católica em conversão é tarefa a realizar.

O catolicismo deverá, a fim de não perder a própria identidade, colocar-se a serviço de sua ‘comunidade’ que, nestes tempos, configura-se numa sociedade pluralista, esmagada pela decepção com o racionalismo, com governos e seus representantes, e que desperta para a necessidade de contemplar a dimensão espiritual que esteve, por quase quatro séculos, adormecida e relegada a um plano inferior. Se até há pouco tempo atrás, o cristão católico exercia sua função de anunciar o evangelho entre seus pares, nos dias atuais, é chamado a converter-se a uma nova comunidade. Se antes, estava inserido numa comunidade hegemônica, estável, de rígidos princípios e valores absolutos, hoje se vê inserido e interpelado por uma realidade bastante distinta onde a flexibilidade ocupa o lugar da rigidez e a relativização dos valores o obriga a rever sua postura religiosa, sua ética e seu modo de crer e professar a religião, o que não significa dizer que deva permitir que sua identidade cristã seja ameaçada. Ao contrário, deverá zelar por manter a

---

<sup>409</sup> QUEIRUGA A.T., **Um Deus para hoje**, São Paulo, Paulus, 1998, p.40.

<sup>410</sup> Ibid, p. 41

integridade da fé cristã católica de quem recebeu a doutrina que orienta sua ética e fundamenta sua evangelização.

O catolicismo deverá se voltar, também, para essa ‘comunidade de novos crentes’ que se constitui seu areópago e realizar ali sua obra concreta que traduz a resposta que o Evangelho espera de todo cristão comprometido com seu batismo. A opção preferencial no Antigo Testamento era a viúva, o órfão e o estrangeiro (cf. Jr 7,6). No Novo Testamento, Jesus dirige suas palavras, preferencialmente, aos pobres (cf. Lc 6,20), aos pequenos e às crianças (cf. Mt 11,25-26; Mc 10,13-16) e pecadores (cf. Mt 21,31) e, hoje, para a Igreja, o “novo crente” deve ocupar um alvo a ser atingido solidariamente pela evangelização. Um catolicismo em processo de conversão não pode comportar-se como o filho mais velho ressentido, amargo e raivoso da parábola do filho pródigo, que não pode alegrar-se com a chegada do irmão, por sentir-se ameaçado, como se esse que chega fosse destroná-lo retirando-lhe seu lugar<sup>411</sup>. Mas antes, deverá assumir o compromisso de dar testemunho de vida cristã, com olhar de irmão, com respeito e alegria. Ser como o Pai da parábola, talvez e “ser não somente aquele que é acolhido, mas aquele que acolhe, não só ser aquele que é bem-vindo, mas também aquele que recebe com alegria os que chegam, e ser não só aquele que é tratado com compaixão, mas aquele que tem compaixão”<sup>412</sup>.

França Miranda cita algumas tarefas que a Igreja é chamada a desenvolver com o objetivo de renovar a fidelidade à sua função de ser a comunidade continuadora da missão de Jesus. Ele afirma “que para a Igreja católica permanece o dever de rever suas práticas pastorais, sua organização comunitária, seu anúncio da Palavra, e sua resposta ao insuficiente número de sacerdotes”<sup>413</sup>.

Queiruga acrescenta outros pontos que merecem revisão por parte da Igreja, a saber: o modo de pregar, o modo de rezar e de celebrar a liturgia, o positivismo bíblico e o dogmatismo<sup>414</sup>. Ele comenta <sup>415</sup>também que

“a crise do cristianismo no mundo moderno se deve fundamentalmente ao desajuste produzido pela derrocada do mundo cultural medieval sob a “dúvida” de Descartes

<sup>411</sup> NOUWEN H.J., **A volta do Filho Pródigo**, a história de um retorno para casa, São Paulo, Paulinas, 1997, p.67-97.

<sup>412</sup> Ibid., p.133.

<sup>413</sup> FRANÇA MIRANDA. M., **O Homem Perplexo**, op. cit. p. 68.

<sup>414</sup> QUEIRUGA A.T. **Do Terror de Isaac ao Abbá de Jesus, por uma nova imagem de Deus**, São Paulo, Paulinas, 2001, p.21-22.

<sup>415</sup> Gaudium et Spes, nº19, citado por QUEIRUGA A.T., **Fim do cristianismo pré-moderno**, p.18.

e mesmo o Concílio Vaticano II reconhece que os cristãos temos uma “parte não pequena” de culpa em nada menos que o nascimento do ateísmo, precisamente por não ter adequado a forma da fé à nova situação”.

O mesmo autor também alerta para duas frases que ele recolhe, e que apresentamos, na intenção de expressar com a maior clareza possível seu diagnóstico teológico desse momento de crise pelo qual passamos: “Uma Igreja que não serve, não serve para nada” é de Jacques Gaillot<sup>416</sup> e quer expressar a necessidade da Igreja de descentrar-se de si mesma para, a exemplo de Jesus, encontrar no serviço aos irmãos sua missão no mundo<sup>417</sup>. A outra frase é de Eduardo Schillebeeckx, e aponta para a necessidade de pensar segundo um novo horizonte de compreensão: “Fora do mundo não há salvação”<sup>418</sup>. Portanto “nem sobre essa montanha e nem em Jerusalém, mas em espírito e verdade” (Jo 4,21.23).

Um processo de reavaliação e revisão sinceras não acontecerá sobre uma nuvem de tranqüilidade e, muito menos, isenta de conflitos. Queiruga nos ajuda a entender o receio diante da envergadura dessa empreitada teológico-pastoral quando afirma: “Creio que esse representa hoje, o grande perigo do cristianismo nesse nível. Não por malícia ou estratégia, mas por mero instinto defensivo e pelo próprio peso da dificuldade”<sup>419</sup>.

Na mesma obra<sup>420</sup>, o autor faz uma observação sobre a qual vale à pena pensar. Diz ele que

“Há uma verificação ‘horizontal’, que se mostra na continuidade com a história, na tradição dos concílios, do magistério, da teologia e do sentir dos fiéis (sensus fidei). E há uma verificação ‘vertical’, que se realiza no confronto direto com as origens por meio do testemunho bíblico. As épocas de mudança profunda como a nossa, pelo próprio fato de viverem em toda a sua agudez, a ruptura com as formas recebidas, tendem à verificação vertical. E com razão, sempre que evitem um espírito agressivo e iconoclasta em relação à tradição histórica; hoje precisamos apalpar, por meio das formas herdadas, a mesma experiência original que lhes deu a origem. Só assim, sentiremos que, no vórtice da mudança, não nos é cortada a continuidade com a fonte.”

Um real disposição para uma constante conversão pode ser confirmada pelo que se encontra afirmado na Constituição Pastoral *Gaudium et Spes*. Eis a

<sup>416</sup>GAILLOT J., *Monseigneur dès autres*, Paris, 1989. Citado por QUEIRUGA A.T., *Um Deus para Hoje*, p. 41.

<sup>417</sup> Vale lembrar aqui as passagens do Novo Testamento que iluminam essa prática: Mc 10,42-45; Mt 20,25-28; Lc 22,25-27).

<sup>418</sup> Ibid, p.42.

<sup>419</sup> QUEIRUGA A.T., *Do Terror de Isaac ao Abbá de Jesus*. p.30.

<sup>420</sup> Ibid., p. 65.

transcrição do texto com que julgamos eficiente para concluir esse tópico de nossa pesquisa:

“Para aumentar este intercâmbio, sobretudo em nossos tempos, nos quais as coisas se mudam tão rapidamente e variam muito os modos de pensar, a Igreja precisa do auxílio, de modo peculiar, daqueles que, crentes ou não crentes, vivendo no mundo, conhecem bem os vários sistemas e disciplinas e entendem sua mentalidade profunda. Compete a todo Povo de Deus, principalmente aos pastores e teólogos, com auxílio do Espírito Santo, auscultar, discernir e interpretar as várias linguagens do nosso tempo, e julgá-las à luz da palavra divina, para que a Verdade revelada possa ser percebida sempre mais profundamente, melhor entendida e proposta de modo mais adequado”<sup>421</sup>.

Eis a missão do cristão católico em constante conversão. Enfrentar esse desafio é preciso!

### 4.3 - Desafios para a teologia cristã no contexto de mobilidade religiosa

Nossa explanação, embora não tenha pretensão de ser totalizante, quer apontar alguns desafios que a teologia cristã católica, em contínua conversão, precisará enfrentar com determinação e confiança. Para essa tarefa apresentaremos uma síntese do que afirma Joel Portela referindo-se à pesquisa do CERIS sobre mobilidade religiosa no Brasil, ao qual já nos referimos inúmeras vezes em nossa pesquisa<sup>422</sup>. Ilustraremos nossa síntese, quando houver relevância, com o pensamento de outros autores.

Num primeiro momento, Joel Portela adverte-nos sobre o cuidado que se deve ter com o que ele chama de *inculturação*<sup>423</sup>. Diz ele que o objeto próprio da teologia não é o fenômeno religioso tal como acontece social e culturalmente, mas importa a relação que as pessoas estabelecem, mediadas por suas culturas específicas, com a pessoa e a mensagem de Jesus Cristo. Joel afirma que devem ser observados alguns pontos importantes exigidos por tal inculturação, como, por exemplo, uma *postura dialogal* e critérios de discernimento quanto à identidade da tarefa que o teólogo deverá abraçar<sup>424</sup>. Também faz parte dessa exigência, a

<sup>421</sup> GS nº 340, grifo nosso.

<sup>422</sup> AMADO J.P., Mudar de religião faz bem?pp.131-159.

<sup>423</sup> Para aprofundamento desse tema, ler: AMADO J.P., “Inculturação da fé na cultura urbana, In: TAVARES S.(org), **Inculturação da Fé**, Petrópolis, Vozes, 2001,pp. 107-117.

<sup>424</sup> Joel Portela chama a nossa atenção para um fato importantíssimo a considerar: “não se pode, sob o nome de teologia, fazer, por exemplo, apenas afirmações sociológicas, antropológicas, filosóficas, políticas ou psicológicas. A mobilidade religiosa, para ser analisada pela teologia,

irrenunciável centralidade da pessoa de Jesus Cristo e sua missão, embora não se deva perder de vista os condicionamentos sociais, históricos e culturais. Afirma nosso autor que *o irrenunciável é Jesus Cristo*, e salvar-se, para o cristianismo, é identificar-se com Ele. E, portanto, o discernimento sobre o que pertence essencialmente à identidade cristã e o que é condicionamento cultural torna-se central, nesse processo de inculturação.

Queiruga, alargando o horizonte de interpelação e dos deveres que se apresentam ao fazer teológico-pastoral da Igreja, propõe o que ele chama de *inreligiosação*. Ele nos alerta para o fato de que, quando explicado a partir do paradigma anterior, a inculturação, normalmente parte do pressuposto que a cultura deve ser respeitada, mas a religião deve ser substituída. Por inregionalização, no entanto, nosso autor está supondo uma apropriação, por parte de uma determinada religião, de riquezas recebidas de outras formas religiosas, com preservação absoluta de sua identidade, sem perdas, mas com enriquecimento e aprofundamento no entendimento de seu legado teológico. Queiruga nos faz recordar que “São Paulo, ao meditar sobre a relação entre judaísmo e cristianismo, caracteriza-a como *enxerto*. Em um enxerto, a árvore receptora não fica suprimida, mas acolhe em si mesma e alimenta com sua própria seiva aquela mesma realidade que a reforça e lhe infunde vida nova”<sup>425</sup>.

Já que lançamos as bases sobre as quais o teólogo deverá fundamentar sua investigação a fim de garantir a própria identidade, passaremos a apresentar o que o Prof. Joel Portela sugere para o discernimento teológico. Ele aponta alguns temas<sup>426</sup> como sendo relevantes no que se refere à mobilidade religiosa e seu relacionamento com as igrejas cristãs, hoje, a saber: A imagem de Jesus e sua mensagem; a imagem e concepção de Deus; criação do ser humano como imagem e semelhança de Deus, inclusas a questão da liberdade e individualidade; e a relevância da pertença comunitário-compromissal da fé para o processo de conversão que não abordaremos aqui por já tê-lo feito no ponto 4.1, desse trabalho.

---

exige uma composição prévia feita por outras ciências que não a própria teologia. No entanto, para que seja efetivamente teológica, a reflexão tem que, necessariamente, se confrontar com o dado objetivo da revelação cristã. Cf. AMADO J.P., *Mudar de religião faz bem?* p. 144.

<sup>425</sup> QUEIRUGA A.T., *Do terror de Isaac ao Abbá de Jesus*, p. 334.

<sup>426</sup> AMADO J.P., *Mudar de religião faz bem ?* pp.145-148.

## A) Repensar a imagem e mensagem de Jesus Cristo

“Repensar a cristologia, sondagens para um novo paradigma”<sup>427</sup>. Este é o título da obra de Queiruga que aponta, de maneira objetiva, para a necessidade que a teologia tem de rever seu discurso, sua linguagem, sua interpretação ou leitura do evento original Jesus Cristo. O mesmo autor comenta, em outra obra, que “cada novo contexto, situação, comunidade, geração, época, se não quiser cair em repetição mecânica e conseqüentemente morta da letra recebida, deve realizar sua própria versão”<sup>428</sup>. Alguma dificuldade ainda pode ser percebida, como nos alerta o mesmo autor, diante de tamanho desafio teológico. A tentação do ser humano em todos os âmbitos é sempre a da inércia e acomodação como forma de resistir à mudança que gera inquietação e, não raro, muita insegurança. No terreno religioso não poderia ser diferente, e o que se vê são os fundamentalismos ou os tradicionalismos como reação extrema ao novo que interpela e questiona uma posição firmada, mas o mais difícil de ser enfrentado, segundo Queiruga, é a acomodação que disfarça essa necessidade de mudança e profunda revisão mexendo em “algumas pedras” para manter tudo como está<sup>429</sup>.

Na introdução da obra de Queiruga, cujo título mencionamos acima, o autor apresenta seu trabalho explicando-nos o título. Diz ele que<sup>430</sup>:

“Pensar remete ao trabalho do conceito, à rigorosa tarefa de analisar as implicações, esclarecer o contexto e buscar a significatividade não apenas efetiva, mas também, quando é autêntica afetiva. Por isso, mantém a consciência de um mais além, desse plus inesgotável que a realidade ergue continuamente diante de nosso esforço mental.”

Ainda na introdução, o autor fala de ‘sondagens’ por considerar essa tarefa como sempre provisória, tateante, sempre renovadas a partir de situações, circunstâncias e épocas diferentes. O rosto de Jesus que não perdeu seu fascínio pede para ser apresentado, revisto, relido, revisitado e reinterpretado de forma que continue questionando, interpelando e inquietando nossa cultura, desinstalando nossas práticas, revolucionando nossas visões dos fatos e das pessoas, suscitando esperança e oferecendo salvação.

<sup>427</sup> QUEIRUGA A.T., **Repensar a Cristologia, sondagens para um novo paradigma**, São Paulo, Paulinas, 1999.

<sup>428</sup> QUERUGI A.T., **Do Terror de Isaac ao Abbá de Jesus**, p.62.

<sup>429</sup> Ibid.p. 30.

<sup>430</sup> QUEIRUGA A.T. **Repensar a cristologia, sondagens para um novo paradigma** p. 9-15.

Diante desse contexto de mobilidade religiosa, marcado pelo individualismo e pelo consumismo, entendemos que seja necessário refletir sobre a imagem de Jesus Cristo que fundamenta toda uma pregação em torno de curas e exorcismos e produção de milagres<sup>431</sup>, principalmente nas igrejas neo-pentecostais. Nesse contexto em que o *pensamento da prosperidade*<sup>432</sup> impera, Deus tem sido colocado a serviço do ser humano enquanto para um cristianismo autêntico, o reconhecimento do primado da graça é indispensável, que é o mesmo que dizer que o primado pertence à transcendência<sup>433</sup>. Outras questões são apresentadas por Joel Portela para evidenciar a tarefa da teologia para repensar a imagem de Jesus, a saber: Qual o sentido do milagre, da cura, das ações intra-históricas no processo cristão de salvação? Como, à luz de Jesus Cristo, se dá a relação com a história. Como compreender o mal-estar causado em várias comunidades cristãs diante dos pronto-socorros de milagres e curas, diante das promessas garantidas de sucesso patrimonial e afetivo? Será que existe nesse mal-estar uma inadequação de conteúdo, que cabe à teologia investigar e explicitar? Encontrar respostas a essas perguntas: eis a tarefa enorme não só da teologia, mas de toda a Igreja!

Juan Luiz Segundo reconhece que “não é fácil passar da interpretação de Jesus de Nazaré em categorias estáticas e fixistas a outra em categorias evolucionistas”<sup>434</sup>. No entanto, ele argumenta que a história apresentará continuamente novos desafios a qualquer direção humanizadora. Problemas

<sup>431</sup> Para uma maior compreensão dessas imagens de Jesus, ler: SCHIAVO L. e SILVA V., **Jesus, milagreiro e exorcista**, São Paulo, Paulinas, 2000.

<sup>432</sup> Por teologia da prosperidade se pode entender um conjunto de princípios que afirmam que o cristão verdadeiro tem o direito de obter a felicidade integral, e de exigí-la, ainda durante a vida presente sobre a terra. Bastando para isso que tenha confiança incondicional em Jesus. Essa teologia que fundamenta a pregação e a pedagogia da IURD enfatiza principalmente a **Confissão Positiva** que é o terceiro ponto da teologia da prosperidade. Ela está incluída na "fórmula da fé que teria sido recebida diretamente de Jesus, que mandou escrever de 1 a 4, a "fórmula": Se alguém deseja seguir Jesus, basta segui-la: 1) "**Diga a coisa**" positiva ou negativamente, tudo depende do indivíduo. De acordo com o que o indivíduo quiser, ele receberá". Essa é a essência da confissão positiva. 2) "**Faça a coisa**". "Seus atos derrotam-no ou lhe dão vitória. De acordo com sua ação, você será impedido ou receberá". 3) "**Receba a coisa**". Compete a nós a conexão com o dínamo do céu". A fé é o pino da tomada. Basta conectá-lo. 4) "**Conte a coisa**" a fim de que outros também possam crer". Para fazer a "confissão positiva", o cristão deve usar as expressões: exijo, decreto, declaro, determino, reivindico, em lugar de dizer: peço, rogo, suplico; jamais dizer: "se for da tua vontade", pois isto destrói a fé. LIMA E.R., **A teologia da prosperidade à luz da Bíblia**, SOUZA E.C.B. e MAGALHÃES M.D.B., **Os Pentecostais : entre a fé e a política**, Revista Brasileira de história, vol. 22, nº43, 2002, disponível in: <http://www.scielo.br>, acessado em 24/07/08.

<sup>433</sup> Cf. AMADO J.P., "Inculturação da fé na cultura urbana, In: TAVARES S.(org), op. cit., pp.111-113.

<sup>434</sup> SEGUNDO J.L., **O homem de hoje diante de Jesus de Nazaré , Tomo II/2, História e Atualidade, As cristologias na espiritualidade**, São Paulo, Paulinas, 1985, p.246.

inéditos obrigarão a voltar atrás e aprofundar o sentido já descoberto, para tornar este sentido significativo e eficaz, por sua vez, em novo contexto. É o que faz Paulo com Jesus<sup>435</sup>.

## B) Por uma nova imagem de Deus

Joel Portela, ao sugerir esse ponto como objeto da reflexão teológica para uma adequação da mensagem real do Deus de Jesus Cristo no contexto urbano, moderno, faz referência à imagem de Deus subjacente às diversas propostas religiosas, em especial nas igrejas pentecostais e entre os ‘sem-religião’. Seria, então, de fundamental importância, resgatar a dimensão relacional da concepção do Deus Trino do cristianismo, pois a interpelação que a revelação dessa condição divina traz para os seres humanos é a comunicação de que devem estabelecer relações dinâmicas, abertas, fecundas, à imagem de seu Deus<sup>436</sup>.

Queiruga vem insistentemente impregnando seus escritos dessa preocupação. Num pequeno livro<sup>437</sup>, ele enfatiza a urgência de se rever a compreensão acerca da imagem de Deus, pois diante de uma concepção evolucionista, não se pode afirmar que a história possa se realizar sem choques, dor, morte e catástrofes. É preciso considerar que desde a tomada de decisão de criar, Deus “não pode” evitar o sofrimento no mundo porque é consequência de nossa liberdade<sup>438</sup>. Afirma Queiruga que seria “anular com uma mão o que teria criado com a outra”. Diante de um mundo marcado pela violência, fome, guerra, Deus, por não eliminar essas barbaridades, acaba parecendo um Deus fraco, mesquinho e insensível e, até mesmo cruel. No entanto, devemos recuperar a imagem de Deus revelada nas Escrituras: um Deus que cria por amor e só quer o bem das suas criaturas. Assegura-nos Queiruga que o mal é inevitável num mundo criado incompleto e finito, e além do mais, não é absoluto em si mesmo sendo possível vencê-lo e superá-lo com a colaboração de Deus que está sempre ao nosso lado, já agora, mas plenamente quando se romperão esses limites pela morte. Ao contrário da imagem que pode servir para legitimar a perversão da

<sup>435</sup> Ibid.p. 3.

<sup>436</sup> Cf. AMADO J.P., Mudar de religião faz bem?p. 146.

<sup>437</sup> QUEIRUGA.A.T. **Um Deus para Hoje**, p. 20-22.

<sup>438</sup> Para aprofundamento desse tema ver : SEGUNDO J.L., **Que mundo Que Homem? Que Deus?** Principalmente, pp. 435-459.

injustiça social, converter o enfermo em maldito e o pobre em pecador, o Deus afirmado pelo cristianismo<sup>439</sup>.

“não é um Deus de onipotência arbitrária e abstrata que, podendo livrar-nos do mal, não o faz, ou o faz somente às vezes, ou em favor de uns quantos privilegiados, mas um Deus solidário conosco até o sangue de seu Filho, um Deus Antimal, que não é soberano altivo, mas o grande companheiro que sofre conosco e nos compreende.”

Por uma relação amadurecida com Deus, isenta do infantilismo que o aprisiona na ilusão de uma onipotência que afeta a verdade da fé cristã, Garcia Rubio faz uma rigorosa reflexão teológica utilizando elementos tomados da psicologia profunda e da psicanálise com o objetivo de ajudar os cristãos a crescer na fé e libertar-se de uma situação infantil e ilusória e, conseqüentemente, de um relacionamento ineficaz com Deus. Afirma Garcia Rubio que diante da pergunta acerca do Deus cristão ser todo-poderoso devemos acrescentar uma *‘limitação’* a essa onipotência. Afirma o autor que<sup>440</sup>

“É verdade, sim, só que o poder do Deus cristão é o poder do amor, que não pode ser imposto pela força. Em relação ao poder que domina e obriga a realizar seja lá o que for conforme a sua vontade, o Deus cristão parece im-potente.[...] A cruz de Jesus é a expressão mais forte dessa im-potência do Deus cristão e, simultaneamente, do seu poder salvador.[...] ele não pode destruir a liberdade com que o ser humano foi criado. [...] Não é que Deus não deva ser apresentado como onipotente, mas trata-se de uma onipotência distinta de nossos sonhos e ilusões infantis.É uma onipotência que mais parece im-potência”.

Convém considerar o que afirma Juan Luis Segundo a respeito da impossibilidade de “Deus fazer homens e transportá-los ao céu, sem mais, nem menos. [...] Sem necessidade de submeter sua liberdade à prova de decidir, na terra e diante de realidades terrenas, seu destino ultra terreno”<sup>441</sup>. O mesmo autor concorda com Garcia Rubio sublinhando que “não á diminuição da onipotência divina, que se reconhece inteiramente, mas sim, o reconhecimento da liberdade com que Deus determina o valor de suas relações com o ser humano, sem contradizer o sentido deste”<sup>442</sup>.

Em Jesus Cristo, e mais especificamente na sua morte de Cruz, fica claro com que amor Deus se relaciona com suas criaturas. Na carta aos filipenses (2,6-11), o hino de exaltação afirma a divindade de Jesus exclamando que “Ele,

<sup>439</sup> QUEIRUGA A.T., **Um Deus para hoje**. p. 22.

<sup>440</sup> GARCIA RUBIO, **A caminho da maturidade na experiência de Deus**, São Paulo, Paulinas, 2007, pp.136-137.

<sup>441</sup> SEGUNDO J.L., **Que Mundo?Que homem?Que Deus?**, p. 385.

<sup>442</sup> *Ibid.*, p.386.

estando na forma de Deus, esvaziou-se de seu direito de ser tratado como um deus”(Fl 2,6). “A humilhação e o esvaziamento terminaram com a ressurreição e a etapa de serviço começara com *o esvaziamento próprio da encarnação onde Deus assume realmente a condição humana, condição de homem servidor. [...] Viveu uma existência humana frágil e mortal, em tudo como nós, exceto no pecado (cf.Hb 4,15)*”<sup>443</sup>. Diante dessa realidade somos chamados a re-pensar a imagem de Deus anunciada pela nossa pregação e também, muitas vezes, testemunhada pela nossa postura ética. Uma revisão dessa situação nos permitirá tirar de Deus essa máscara da onipotência que, não raro, legitima ideologias que em nada se assemelham ao Deus anunciado por Jesus de Nazaré. Étienne Babut faz uma dura advertência nesse sentido:

“ Nessas circunstâncias atuais, prosseguir na proclamação da onipotência de Deus , seja associando-o a tudo que é extraordinário ou sem explicação, seja repetindo ingenuamente o credo tradicional sem perceber as interpelações que essa proclamação hoje levanta , será contribuir para a rejeição ao Evangelho.[...] Por acaso, Jesus cristo instiga os seus a exaltar seu poder? Não lhes pede, antes, que reconheçam seu amor, que vivam dele e o irradiem? A ‘geração má e adúltera que reclama um sinal’ (Mt12,39 e 16,4), ‘geração incrédula’ (Mc9,19), ‘adúltera e pecadora’(Mc 8,38) não seríamos nós, hoje, impondo teimosamente a máscara da onipotência ao Deus que se nos revela pela face do Cristo?”<sup>444</sup>

## **A) Significado de ser humano criado à imagem e semelhança de Deus**

A explicação dessa realidade nos é dada por Garcia Rubio e apresentamos, a seguir, uma síntese de seus ensinamentos.

Os relatos de Gn 1 e 2 trazem as afirmações veterotestamentárias a respeito da criação do mundo e também dos seres humanos. Segundo o prof. Garcia Rubio, a mensagem é clara e o acento está na criação do ser humano. O homem é modelado do barro da terra; é argila e respira, mas diferente dos outros animais, o homem é capaz de conhecer a natureza destes, é senhor de seu destino, vive uma existência dialogal o que supõe que não é apenas um ser que vive, mas que é um ser que é livre e responsável em relação ao mundo. Ele recebe não só o dom da vida, mas também o dom que significa o jardim a ser trabalhado e guardado. É confiada ao ser humano a administração do mundo sempre a serviço da humanização. A transformação do meio ambiente deve estar a serviço deste ser

<sup>443</sup> GARCIA RUBIO, *Encontro com Jesus Cristo Vivo*, p.145.

<sup>444</sup> BABUT E., *O Deus poderosamente fraco da Bíblia*, São Paulo, Loyola, 2001,p.121-122.

humano criado por Deus, livre e co-criador<sup>445</sup>. Vale salientar o que afirma o prof. Garcia Rubio<sup>446</sup> quanto ao significado de o ser humano *ser criado à imagem e semelhança de Deus*. Segundo ele, essa afirmação comporta alguns aspectos fundamentais, que apresentamos a seguir.

a) O ser humano teria sido criado mediante uma interpelação de Deus como uma criatura chamada a responder. Portanto capaz de escutar as interpelações de Deus e a elas responder. O ser humano é imagem de Deus por sua **estrutura dialógica e pela capacidade de ser responsável**.

b) O ser humano é chamado a colaborar na obra da criação. Portanto, guardadas as devidas proporções, **o ser humano é convidado por Deus a ser co-criador**.

c) **O ser humano é administrador do Criador** e, nesse sentido deve exercer domínio responsável sobre o mundo extra-humano.

d) Há necessidade da **união entre os seres humanos para que cumpram a tarefa de administrar o mundo criado, responsabilmente**. Homem e mulher devem procriar e desenvolver a administração responsável sobre a criação.

Pensemos na reflexão que faz Adolphe Gesché acerca da vocação do ser humano: “Somos chamados a fazer com que a terra prospere. [...] O mundo não é entregue inteiro. O ser humano é criado para criar, para que tenha liberdade. Deus não criou ‘coisas’, mas criou a criação onde o ser humano, criado criador, exerce a função insuperável de co-criador”<sup>447</sup>.

Uma leitura e conseqüente compreensão equivocadas do relato da criação sustentou, por vários séculos, o uso indevido da natureza, o domínio e coisificação da mulher (patriarcado), o fatalismo, passividade, fuga da responsabilidade diante dos desafios do mundo, da sociedade e do meio ambiente. Ficou estabelecida com Deus uma relação mentirosa, pois diante de um Deus compreendido como dominador estava um homem passivo e alienado, isento de responsabilidades que devia apenas cumprir o determinismo de uma obediência covarde e interesseira.

---

<sup>445</sup> GARCIA RUBIO, A., **Unidade na Pluralidade**, p. 158-180.

<sup>446</sup> Ibid, p.165-167.

<sup>447</sup> GESCHÉ A., **O ser humano**, coleção Deus para pensar, São Paulo. Paulinas, 2003.p.72-73.

É uma urgência teológica revisitar os textos bíblicos, repensar a catequese cristã numa perspectiva teológico-pastoral renovada e fecunda que forme cristãos comprometidos com a defesa da vida em todas as suas manifestações.

#### **4.4 - Desafios para a pastoral eclesial no contexto de mobilidade religiosa**

Joel Portela acrescenta aos desafios para a teologia algumas intuições pastorais que valem à pena serem consideradas. Ele afirma que o dever teológico não deve paralisar ou “colocar em espera” a atuação pastoral. Intenta mostrar como as igrejas, preocupadas com essa nova realidade, já começam a se adaptar e a discernir certa tendência no agir pastoral que, segundo Joel, seria caracterizado por três aspectos: mistagogia, solidariedade e missionariedade.

##### **a) Mistagogia**

O autor esclarece que o termo *mistagogia* não é próprio do cristianismo, mas foi assumido por este a fim de traduzir uma dimensão constitutiva do ser cristão: “conduzir alguém para dentro do mistério, percorrer um caminho através do qual se faça o discernimento do que efetivamente signifique ser cristão, até a posterior escolha por essa identidade”<sup>448</sup>. Nosso autor nos adverte para importância fundamental do processo que engloba esses dois patamares, *conhecer* e *optar*, que devem ser assumidos pessoalmente, para que o cristianismo possa ser vivido como experiência mistagógica que é. No entanto, não só no Brasil como também em outros lugares, motivos históricos (tipo de colonização, por exemplo) fizeram confundir os processos de iniciação sociocultural e iniciação religiosa. A catequese passou, nesse caso, a exercer o papel de complementação da educação, de um acréscimo de informações doutrinárias que supunha como vivida a experiência com Deus. A experiência religiosa, no contexto atual, tomou um lugar de prioridade, e já não faz mais sentido uma catequese racional, informativa e ineficaz, senão uma orientação bem preparada no sentido de cooperar na formação de cristãos católicos iniciados no mistério de Deus. A Igreja, então, preocupada com essa realidade da fé, promove a catequese de adultos que aponta nesse sentido, nos moldes do catecumenato<sup>449</sup>. Nosso autor afirma que o catecumenato se constitui

<sup>448</sup> AMADO J.P., Mudar de religião faz bem? p.150.

<sup>449</sup> Cf. CNBB, **Segunda semana brasileira de catequese**, série Estudos da CNBB, nº. 84, São Paulo, Paulus, pp.49-135 e 172-253. Citado por AMADO J.P., Mudar de religião faz bem? p. 151.

de algumas características que explicitam uma renovação catequética que denota uma preocupação pastoral por parte da Igreja, a saber: a preocupação com a necessária ruptura entre iniciação sócio-cultural e iniciação religiosa que permite o início de um processo catequético mistagógico, a valorização da individualidade, do caminhar de cada pessoa levado em consideração o seu contexto e considerando também, as diversas dimensões do ser humano, articulando racionalidade, fraternidade, emotividade e afetividade. O simbólico é valorizado nas diferentes liturgias e o catecumenato busca, num sentido bem amplo, equilibrar a relação do catecúmeno com a comunidade e com Deus sem dispensar o respeito pela individualidade de cada membro.

Ao contrário de um passado recente, a Igreja, no exercício de sua missão catequética vai promovendo, ainda que de forma experimental, portanto tímida, a formação de novos grupos além dos limites paroquiais fundamentados em laços de afinidades e de relacionamento fraterno que vão, por isso, fazendo surgir um ambiente de sincero crescimento espiritual alicerçado no afeto entre seus membros. Segundo Joel, “a bibliografia sobre esse assunto tem crescido bastante, pois como foi dito anteriormente a Pastoral está, ainda, em fase de experimentação e discernimento. E enfatiza a importância do aspecto sócio-cultural não mais estar sendo identificado como religioso que acontecia outrora diante de um contexto de religião hegemônica que não existe mais”<sup>450</sup>.

### **b)Solidariedade**

Quanto à solidariedade, Joel Portela, lembra que faz parte constitutiva da mensagem de Jesus e de sua práxis. Numa sociedade de muitos sofridos, marginalizados e excluídos, a figura de um Jesus provedor de soluções imediatas e milagrosas, curas e exorcismos tem sido anunciado com intuito de ajuntar fiéis e captar recursos financeiros. Mas não basta falar de Jesus ou em Jesus. É preciso anunciar Jesus com fidelidade evangélica. A postura pastoral deve superar a preocupação com o número de fiéis e investir numa prática que se destaque pela gratuidade e solidariedade ‘corrigindo’ e fazendo transparecer a feição do Cristo que queremos anunciar. Joel toma da Encíclica ‘*Deus é amor*’, do papa Bento

---

<sup>450</sup> AMADO J.P. Mudar de religião faz bem? p. 153.

XVI, a sugestão da solidariedade como um programa de ação para toda a Igreja<sup>451</sup> e aponta para o que deve ser o caminho de uma experiência de iniciação cristã: escolher, optar e aderir. No entanto, diante da mobilidade religiosa, corre-se o perigo de confundir a valorização de uma mentalidade capaz de escolher e aderir conscientemente à fé e um ‘escolher’ que se dá através de um peregrinar incessante, que intenta encontrar uma satisfação imediata para o desconforto espiritual-emocional; quem sabe? Portanto, alerta Joel, é bastante desafiador para a pastoral cristã católica o enfrentamento com o percurso realizado pelo ‘novo crente’ e suas expectativas.

### c) **Missionariedade**

Por missionariedade se entende “a relação que as igrejas estabelecem com o todo social em, pelo menos, dois sentidos. Com a apresentação da proposta e o auxílio na opção específica e o segundo sentido refere-se ao tipo de incidência que as igrejas manifestam diante dos problemas não especificamente religiosos de pessoas, grupos ou de uma sociedade inteira”<sup>452</sup>.

Segundo Agenor Brighenti, o documento de *Aparecida* afirma o desejo de que todas as estruturas eclesiais, planos de pastoral, bem como toda a instituição, assumam uma decisão missionária de promover a cultura da vida, deixando para trás as estruturas ultrapassadas<sup>453</sup>. Segundo ele, essa exigência de missionariedade decorre do seguimento de Jesus, pois a resposta ao seu chamado exige nos fazermos próximos seguindo sua prática de acolher pequeninos, curar leprosos, perdoar e cuidar daqueles que precisam. Os discípulos receberam de Jesus a missão de anunciar o Evangelho a toda criatura (cf. Mt 28,19). Por isso, todo discípulo é missionário e essa tarefa é parte integrante da identidade cristã. O documento de *Aparecida* (146) lembra as palavras de Bento XVI no discurso inaugural na V Conferência do episcopado Latino-americano, a saber:

“O discípulo, fundamentado assim na Palavra de Deus, sente-se motivado a levar a Boa Nova da salvação a seus irmãos. Discipulado e missão são como duas faces da mesma moeda: quando o discípulo está apaixonado por Cristo, não pode deixar de anunciar ao mundo que só Ele nos salva (cf. At 4,12). De fato, o discípulo sabe que sem Cristo não há luz, não há esperança, não há amor, não há futuro”.

<sup>451</sup> Ibid, p. 156.

<sup>452</sup> Ibid.p.153.

<sup>453</sup> Cf. BRIGHENTI A., **A desafiante proposta de Aparecida**, São Paulo Paulina, 2007, p.19.

O Documento (100) reforça a necessidade de que seja superada uma prática pastoral de cunho conservadorista em detrimento de uma prática missionária. A intenção é criticar o “antigo modelo onde os leigos recebem um escasso acompanhamento, a evangelização não tem métodos eficazes de expressão e a espiritualidade é individualista e um relativismo no campo ético.” Fica impresso no texto um sentimento de apreensão e uma *mea-culpa*, assim expressas:

“Lamentamos, seja algumas tentativas de voltar a certo tipo de eclesiologia e espiritualidade contrárias à renovação do Concílio Vaticano II, seja algumas leituras e aplicações reducionistas da renovação conciliar. Lamentamos a ausência de uma autêntica obediência e do exercício evangélico da autoridade, das infidelidades à doutrina, à moral e à comunhão, nossas débeis vivências da opção preferencial pelos pobres, não poucas recaídas secularizantes na vida consagrada influenciada por uma antropologia meramente sociológica e não evangélica.”

*O Documento de Aparecida* afirma que todos e todas estão convocados a uma contínua conversão (365). A conversão pessoal desperta a capacidade de submeter tudo ao serviço da instauração do Reino da vida (366). Ninguém fica de fora: dioceses, paróquias, comunidades religiosas, movimentos, bispos, presbíteros, diáconos permanentes, consagrados/as, leigos e leigas. Todos estão chamados a ouvir com atenção “o que o Espírito tem a dizer às Igrejas” ( Ap 2,29) através dos tempos.

Diante do fenômeno crescente da urbanização, no contexto influenciado pela pós-modernidade, a Igreja ainda faz uso de uma linguagem pouco significativa, principalmente para os jovens e não se vê uma presença relevante da Igreja no meio universitário (100d).

No nº. 370, o documento se refere à “conversão pastoral de nossas comunidades, pois só assim a Igreja pode se manifestar como mãe que vai ao encontro, verdadeira casa acolhedora, uma escola permanente de comunhão missionária”. Diante da ‘vida na cidade de hoje’, a Conferência recomenda uma nova pastoral urbana que afirme e confirme o caráter missionário da Igreja. Em seu nº. 513, o documento aponta algumas realidades que devem merecer atenção especial dos católicos, a saber: renovação das paróquias, novos ministérios, novas associações, grupos sociedades e movimentos. É preciso ir vencendo a tendência ao fechamento nos antigos moldes, a atitude de defesa diante da nova cultura e o sentimento de impotência diante das grandes dificuldades das cidades.

#### 4.5- Conclusão

Nesse quarto capítulo, apresentamos as razões de cunho teológico que fundamentam uma resposta negativa à pergunta central de nossa pesquisa a respeito da possibilidade do novo crente vivenciar uma autêntica conversão cristã. Afirmamos que todo ser humano é dotado da Graça, o que lhe permite fazer experiência com Deus independente de estar ou não ligado a um credo religioso ou pertencer a uma religião institucional. Foi nossa intenção evidenciar que fazer experiência de Deus não é somente encontrar uma via de acesso a respostas particulares, mas experimentar o “totalmente novo” como “união radicalíssima, prévia a tudo e mais profunda que tudo, entre Deus e nós que está a nos realizar e sustentar”<sup>454</sup>.

O ‘novo crente’ permanece na comunidade somente enquanto essa pertença lhe proporciona satisfação, sem estabelecer vínculos de fraternidade e solidariedade com a mesma, por isso **fica impedido de dar um passo firme em direção à verdadeira conversão a Jesus Cristo**. Considerando sua vocação primeira, a Igreja, em tempos atuais fica ‘obrigada’, como evangelizadora que é, a rever cuidadosamente sua postura religiosa, sua ética, sua pregação, seu modo de crer e professar a fé num gesto de conversão contínua, para que os cristãos católicos possam reassumir sua fé e tantos outros, como o ‘novo crente’, que apenas tangenciam nossas igrejas, possam sentir-se acolhidos, alimentados na esperança de encontrarem com o Deus Amor anunciado em Jesus Cristo.

Apontamos alguns desafios para a teologia cristã no contexto de mobilidade religiosa no intuito de comunicar a palavra de Jesus Cristo aos seres humanos. Entre eles podemos citar a urgência de se repensar a imagem de Deus, a mensagem de Jesus Cristo e o que significa para cada ser humano ser criado “a imagem e semelhança de Deus”. Finalmente, apresentamos também, os desafios para a pastoral eclesial principalmente no que diz respeito a uma práxis marcada pela mistagogia, solidariedade e missionaridade.

---

<sup>454</sup> F. nota 389